

Geraldo Vandré e seus cantos de amor

Geraldo Vandré and his love chants

Faustino Teixeira¹

RESUMO

O presente artigo busca trabalhar o itinerário musical de Geraldo Vandré a partir de sua discografia, composta por cinco LPs e outras coletâneas e compactos. O foco do texto é o traço do amor presente em seus diversos trabalhos, seja o amor a uma mulher ou o amor mais geral, dedicado ao povo ou à nação, entendida como sua amante ou companheira. O desenvolvimento do trabalho se deu em perspectiva cronológica, desde o seu primeiro LP produzido no Brasil, em 1964, até o derradeiro, já em tempos de exílio, produzido na França e divulgado no Brasil em 1973. Foi um projeto que visou favorecer o conhecimento de um compositor e cantor genial, que encantou uma geração de esquerda antes do apagão do AI 5.

Palavras-chave: Canção; Brasil; Música Popular; Crítica Social.

ABSTRACT

This article seeks to analyze Geraldo Vandré's musical itinerary based on his discography, composed of five LPs and other compilations and singles. The focus of the text is the trait of love present in his various works, be it the love of a woman or the more general love, dedicated to the people or the nation, understood as his lover or companion. The development of the work took place in a chronological perspective, from its first LP produced in Brazil, in 1964, to the last, already in times of exile, produced in France and released in Brazil in 1973. It was a project that aimed to favor knowledge of a brilliant composer and singer, who enchanted a left-wing generation before the AI5 blackout.

Keywords: Song; Brazil; Popular music; Social Criticism.

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor convidado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

*Eu sempre quis ser contente
Eu sempre quis só cantar
Trazendo pra toda gente
Vontade de se abraçar
(Geraldo Vandré)*

Introdução

Minha relação com Geraldo Vandré vem de longe, desde a década de 1970, quando suas canções eram presença imprescindível em minha vida. Com os poucos recursos de minha mesada, buscava adquirir os LPs de Vandré e curti suas músicas com grande alegria. Com um timbre de voz aproximado ao dele, era movido por alegria ao cantar suas melodias líricas. Era tempo de vida universitária, quando cursava filosofia e ciências da religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. Nessa mesma década, participei de um grupo musical da cidade, A Pá, e Vandré estava em nosso repertório. Chegamos mesmo a fazer um show com músicas de Vandré, com o nome de Aroeira. Ocorria também nessa ocasião, na Universidade, o Som Aberto, aos sábados pela manhã, e Vandré estava sempre presente em nossas interpretações.

Depois de um longo período, resolvi gravar algumas músicas de Vandré, por incentivo de um amigo médico, Guto Gomes, cantor e violonista de primeira, que também participava da Pá. Como ele montou um estúdio, insisti comigo para fazer uma gravação com músicas de Vandré, o que ocorreu no final de janeiro de 2023, quando então gravei 10 músicas do compositor paraibano, com a ajuda de meu irmão, Domingos Teixeira, no violão. Fui também muito incentivado por outro irmão flautista, Estêvão Teixeira, por atuar nas gravações. Ele e Guto cuidaram de tudo e o resultado foi exitoso. Busquei escolher algumas canções líricas, que não eram as mais conhecidas, mas que me acompanharam em minhas incursões juvenis.

Em seguida veio o desafio de escrever algo sobre Vandré, o que também nunca tinha realizado antes. Decidi então buscar um caminho que não tinha sido feito até então: apresentar sinteticamente a trajetória de Vandré a partir da apresentação cronológica de seus discos. E assim foi realizado este trabalho.

Para o título, escolhi o tema do amor, pois, na verdade, as canções de Vandré sempre rondam os motivos do amor. Em entrevista concedida por Vandré a Arthur José Poerner, citada em livro sobre o compositor paraibano, ele diz: “Todas as minhas músicas são de amor. De amor particular por uma mulher ou de amor geral por todo um povo” (Santos, 2015, p. 61).

Um exemplo vivo dessa presença do amor nas canções de Vandré, encontramos naquelas que escreveu no exílio, e em particular num maravilhoso LP gravado em Paris, em 1973: *Nas Terras de Benvirá*. O que se percebe nessa obra prima é a singular referência amorosa à sua pátria amada, o Brasil. A ela se refere “como sua amiga, amante e companheira de todas as horas” (Santos, 2015, p. 172).

Geraldo Vandré vai completar em 12 de setembro de 2023, 88 anos. Dos grandes músicos e compositores de uma geração genial da MPB, composta por Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulinho da Viola e outros, Vandré é o primogênito. Nasceu em João Pessoa, em 1935, num tempo conturbado da vida social brasileira. Cinco anos antes tinha sido assassinado João Pessoa, presidente de seu estado. No país, sob a regência de Getúlio Vargas, resistia-se à Revolução Constitucionalista, e dois meses depois do nascimento do compositor, teríamos a Revolta Vermelha ou Intentona Comunista, liderada por Luís Carlos Prestes.

Os pais de Vandré, por desejo da mãe, saem de João Pessoa com destino ao Rio de Janeiro, passando uma pequena temporada em Juiz de Fora, onde Vandré cursou o quinto ginásio no tradicional colégio metodista Granbery. Foi a partir do Rio de Janeiro que Vandré deu início à sua linda trajetória no campo musical.

1. O enigma Vandré

Como expressa Jorge Fernando dos Santos, em sua obra sobre Vandré, o compositor paraibano foi sempre uma “esfinge indecifrável”. Uma pessoa de grande lucidez, mas nem sempre preciso nas palavras. Seu comportamento era difícil. Tinha um gênio peculiar, com manias de grandeza e temperamento movediço, tendendo para a irritação. Não era uma pessoa de fácil relacionamento. Todos que lidaram com ele, num momento ou outro, esbarraram com tais dificuldades. Era igualmente arredo, não gostando de exposição pública (Santos, 2015, p. 144).

O compositor e cantor paraibano sempre teve uma consciência social muito lúcida e candente, embora nunca tenha se filiado a partido algum.

Manteve-se sempre livre, sem deixar de estabelecer contatos com os militantes. Numa entrevista concedida à Revista Manchete, após a vitória de *Disparada*, no Festival da Record, em 1966, Vandré explicita a sua visão com respeito ao lugar da canção:

Não acredito que se possa fazer revoluções com uma canção ou com muitas. Alguns acreditam, não sei se de boa ou má fé. Eu não. Mas acredito que uma canção possa contribuir para despertar a consciência do povo. Eu pretendo mostrar uma realidade nossa. Há muita gente aí que fala do Vietnã ou da seca do nordeste, sem saber coisa alguma do Vietnã ou da seca, só para explorar os sentimentos baratos ou espantar a burguesia (Souza, 1983, p. 92).

A trajetória músico-poética de Vandré sempre traduziu uma coerência política viva, que como bem lembrou Tarik de Souza, situou-o “em várias oportunidades, à frente de seu tempo” (Souza, 1983, p. 92).

Vandré era um homem bonito e carismático, que primava pela elegância, de olhos verdes irradiantes. No campo da música, não tinha domínio sobre partituras e seu processo de criação musical era singular, como lembrou Carlos Lyra, que foi um de seus parceiros. Ele dizia sobre Vandré:

Era curioso, porque eu fazendo a música mostrava a ele, que ficava rodando em volta da minha cadeira. Enquanto eu mostrava a música com o violão, anotava a letra que ele ia dizendo enquanto se inspirava. Geraldo era rápido, não levava para casa, não. Fazia ali mesmo, sentado a meu lado. Ele era uma pessoa extremamente emotiva (Santos, 2015, p. 54).

Tem razão Carlos Lyra ao apontar esse lado emotivo de Vandré. Em todo seu processo de criação ou interpretação, ele expressa um sentimento que vem do fundo do coração, e muitas vezes o choro ocorre com naturalidade. Nos momentos difíceis do exílio, como na gravação do LP, *Nas Terras de Benvirá*, o choro acompanha a canção, criando uma trilha de caráter muito peculiar e contagiante. Não tinha nada de muito sofisticado em suas canções, recorrendo a apenas dois ou três acordes. Dizia que o mais importante era mesmo o texto, e que “uma linha melódica mais elaborada distraía a atenção do público para o supérfluo” (Souza, 1983, p. 94).

2. O LP Geraldo Vandré – 1964

O primeiro LP de Geraldo Vandré foi lançado em 1964, com arranjos bem trabalhados, contando com a presença de figuras como Erlon Chaves, Moacir Santos e Walter Wanderley. Dentre as canções do disco, três são com a parceria de Baden Powell e Vinícios de Moraes: *Berimbau*, *Samba em Prelúdio* e *Só por Amor*. Outras duas canções são com parceria de Vandré e Luiz Roberto: *Ninguém pode mais sofrer* e *Tristeza de amar*. Uma com parceria de Vandré com Vera Brasil: *Quem é homem não chora*. Há também uma canção composta por Theo de Barros: *O Meninos das Laranjas*. As demais, são composições de Vandré: *Canção Nordestina*, *Depois é só Chorar*, *Fica mal com Deus* e *Pequeno Concerto que Virou Canção*².

As quatro canções de Vandré são de uma beleza singular, e enfatizo aqui o lirismo de *Pequeno Concerto que Virou Canção*. Geraldo Vandré tinha se casado em 1964 com Nilce Trajan, em cerimônia realizada na igreja dos dominicanos, no bairro Perdizes, em São Paulo. Num dos conflitos entre o casal, Vandré compôs para ela o *Pequeno Concerto que Virou Canção*. Ele mostrou a ela a letra, e os dois fizeram as pazes, numa relação que perdurou até 1967. Talvez seja uma das mais lindas canções de Vandré:

Não
 Não há por que mentir
 Ou esconder
 A dor que foi maior do que é capaz
 Meu coração

Não
 Nem há por que seguir cantando
 Só para explicar
 Não vai nunca entender de amor
 Quem nunca soube amar

² Em alguns encartes aparece com título levemente alterado: *Pequeno Concerto que Ficou Canção*.

Ai, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinha assim
Até me consumir ou consumir
Toda essa dor
Até sentir de novo o coração
Capaz de amor.

O lirismo de Vandré está igualmente presente em outra canção do LP, *Depois é só Chorar*, e partilho aqui um trecho:

Ama que tudo é só amar
Sonha que a vida é só sonhar
Toma do amor tudo que é bom
Toma depressa enquanto é bom

Que depois o amor é só chorar
Sim, depois o amor é só chorar...

No mesmo LP já vislumbramos o Vandré comprometido socialmente, com suas duras palavras na *Canção Nordestina*:

Que sol quente que tristeza
que foi feito da beleza
tão bonita de se olhar

que é de Deus da Natureza
se esqueceram com certeza
da gente deste lugar

Olhe o padre com a vela na mão
tá chamando pra rezar
menino de pé no chão
já não sabe nem chorar

reza uma reza comprida
pra ver se o céu saberá.

Mas a chuva não vem não
e esta dor no coração
Aí quando é que vai se acabar,
quando é que vai se acabar?

3. O LP Hora de Lutar – 1965

O segundo LP de Geraldo Vandré, *Hora de Lutar*, foi lançado em 1965 pela gravadora Continental. Em linha de continuidade com o primeiro LP, esse segundo disco traz uma parceria de Vandré com Baden Powell (*Samba de Mudar*) e outras de parceria com Carlos Castilho (*Despedida de Maria*), Moacir Santos (*Dia de Festa*), Erlon Chaves (*Canta Maria*) e Carlos Lyra (*Aruanda*). O compositor também registra a clássica canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (*Asa Branca*). De autoria de Vandré solo estão

outras quatro canções: *Hora de Lutar*, *Ladainha*, *Canto do Mar* e *Vou Caminhando*. Baden Powell participa da gravação do LP, tocando em duas faixas: *A Maré Encheu* e *Vou Caminhando*.

Vandré registra também a canção de Chico Buarque de Hollanda, *Sonho de um Carnaval*, que ele interpretou no I Festival da Música Popular Brasileira, realizado pela TV Excelsior. Chico Buarque tinha na ocasião apenas 20 anos. Vale notar que Vandré igualmente concorreu no mesmo Festival com a canção *Hora de Lutar*. A canção de Chico Buarque, interpretada por Vandré, vence a eliminatória, em março de 1965, mas fica em sexto lugar. A canção vitoriosa foi *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes, com a interpretação de Elis Regina.

Temos novamente aqui o Vandré comprometido com a realidade social, como bem expresso na letra, que é título do álbum: *Hora de Lutar*:

Capoeira vai lutar
já cantou e já dançou
não pode mais esperar...
Não há mais o que falar
cada um dá o que tem
capoeira vai lutar...
Vem de longe, não tem pressa
mas tem hora p'ra chegar
já deixou de lado sonhos
dança, canto e berimbau
abram alas, batam palmas
poeira vai levantar
quem sabe da vida espera
dia certo p'ra chegar
capoeira não tem pressa
mas na hora vai lutar
por você... Por você...

A canção era expressiva e causou rebuliço entre os baianos, como sinalizou Gil a Vandré em depoimento. Segundo ele, a música mexeu com sua cabeça, contribuindo para a transformação da visão (Nuzzi, 2015, p. 72). Gil será parceiro de Vandré em duas canções de 1966: *Pra que Mentir*³ e, com o acréscimo de Torquato Neto, em *Rancho da Rosa Encarnada*, que será gravada no LP *Louvação*, de Gil, em 1967. Uma parceria “tropicalista”, antes dos embates que envolverão Vandré com os baianos, um pouco depois. Pela beleza da letra, partilho um trecho dessa última canção:

Somos cantores
Cantamos as flores
Cantamos amores
Trazemos também
A notícia da grande alegria que vem
Pra durar mais que um dia
E ficar como antigas cantigas

³ Essa canção foi gravada pelo Trio Maraya em seu LP gravado na Som Maior.

Que não morrem
 Que não passam jamais
 Como passam sempre os carnavais

4. O LP 5 Anos de Canção – 1966

Um ano depois de *Hora de Lutar*, seu segundo LP, Vandré lança o disco 5 Anos de Canção, no final de 1966. Ainda no mesmo ano, tinha participado com músicas em dois Festivais. No I Festival Internacional da Canção (FIC), promovido pela TV Globo, sua canção *O Cavaleiro* fica em segundo lugar, sendo superada pela bela canção *Saveiros*, de Dori Caymmi e Nelson Motta, com interpretação de Nana Caymmi. Participou ainda do II Festival Nacional de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Excelsior, ganhando o primeiro lugar com a música *Porta Estandarte*, de parceria com o baiano Fernando Lona.

No novo LP, Vandré retoma quatro das canções gravadas no seu primeiro disco: *Depois é só Chorar*, *Fica Mal com Deus*, *Pequeno Concerto que Virou Canção* e *Canção Nordestina*. Introduz a canção vencedora no Festival da Excelsior, *Porta Estandarte*, e outras sete músicas novas. Destaco a belíssima *Réquiem para Matraga*, composta para a trilha sonora do filme *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, dirigido por Roberto Santos (1928-1987), que representou o Brasil no Festival de Cannes em 1966. A canção de Vandré vem também escolhida para compor a trilha sonora do recente filme de Kleber Mendonça e Juliano Dornelas, *Bacurau* (2019), exercendo um maravilhoso efeito ao final da projeção.

Das músicas presentes no disco, uma fez grande sucesso, *Fica Mal com Deus*, que segundo Tárík de Souza, é um “baião no estilo de cantiga de cego” (Souza, 1983, p. 92), com a tradicional presença da temática social. O arranjo de Moacyr Santos foi elaborado com estilo e delicadeza, adornada por coros peculiares. E a letra, como sempre, cuidadosamente elaborada, como podemos perceber numa das estrofes:

Vida que não tem valor
 Homem que não sabe dar
 Deus que se descuide dele
 O jeito a gente ajeita
 Dele se acabar.

A temática do amor vem retomada na bela *Tristeza de Amar*, em parceria de Vandré com Luiz Roberto. Num dos trechos diz:

Ainda que o amor nos faça chorar
 Vive o teu bem e vive a cantar
 Boa é a tristeza e a dor que é de amar.

Destaco aqui duas lindas canções presentes no disco, feitas em parceria de Vandré com importantes compositores. Com Baden Powell, a composição *Se a Tristeza Chegar*. Num dos momentos chaves da música, a letra indica que “se todos os tristes, querendo juntos, toda a tristeza vai se acabar”. Um de nossos grandes letristas no Brasil, Paulo

César Pinheiro, é um entusiasta de Vandré e recorda a beleza dessa letra, sempre citada por Baden Powell em seus shows. Segundo Paulo César, se não tivesse ocorrido tudo aquilo que sabemos com Vandré, “certamente teria feito muito mais músicas de sucesso” (Santos, 2015, p. 160). Baden Powell era não só parceiro mas também amigo de Geraldo Vandré, e os dois se apresentavam e frequentavam o tradicional João Sebastian Bach, em São Paulo. O talento de Vandré impressionava Baden, que reconhecia a beleza de sua voz e suas “letras magníficas” (Dreyfus, 2020, p. 91).

Se a Tristeza Chegar é a canção com o selo-Vandré. Na gravação, a presença encantadora do violão de Theo de Barros, “livre e melódico”, como assinala Budi Garcia no prefácio da obra de Hermilson Garcia do Nascimento sobre a obra do violeiro (Nascimento, 2020, p. 48). Com Carlos Lyra, outra linda parceria, na canção *Quem Quiser Encontrar o Amor*. Dizia Vandré que “quem quiser encontrar o amor, vai ter que sofrer, vai ter que chorar”.

Nesse LP de Vandré temos a presença singular do Trio Novo, com as participações da viola de Heraldo do Monte, do violão de Theo de Barros e a percussão de Airto Moreira. Algo de inédito ocorria com essa presença musical na vida de Vandré. No texto de encarte do LP, de autoria de Franco Paulino, ele assinala a novidade trazida pelo disco, com a assimilação profunda “de símbolos de comunicação mais coletivos e mais identificados com a nossa realidade”⁴.

Como novidade na MPB, a introdução da viola. Como lembra Heraldo do Monte, “esse foi o primeiro disco na emergente MPB a utilizar o instrumento autêntico da moda de viola do Centro-Sul do país”, instrumental esse que era o do Trio Novo” (Nascimento, 2020, p. 48). O crítico e pesquisador musical, José Ramos Tinhorão, autor da *História da Música Popular Brasileira* (1998), reconheceu em Vandré “um dos primeiros da geração ligada à bossa-nova a escandalizar os jovens universitários da época com essa heresia da pesquisa de formas regionais brasileiras” (Santos, 2015, p. 77).

Do Trio Novo, que acompanhou Vandré no trabalho com a Rhodia⁵, uma empresa de Campinas, surgiu depois o Quarteto Novo, com a introdução do flautista Hermeto Paschoal. O grupo lançou um dos mais lindos e criativos discos instrumentais da MPB, em 1967, com cinco músicas de Geraldo Vandré, uma das quais de beleza única, *O Ovo*, composta em parceria com Hermeto, que abre o disco⁶.

O grupo chegou a pensar num segundo LP, que tinha por título *Missa brasileira*. O projeto, porém, não foi à frente, e o grupo se dissolveu em dois anos. Além da novidade da viola, o Quarteto Novo inaugurou algo de novo na percussão, com a queixada de burro utilizada por Airto Moreira em muitas gravações. O recurso era já

⁴ LP 5 anos de canção. Som Maior, 1966.

⁵ Vandré se viu acompanhado pelo Trio Novo em fundo musical para os desfiles de moda promovidos pela Rhodia, com “motivos brasileiros que percorreu o Brasil” (Santos, 2015, p. 89). Hermeto não participou da turnê, ao ser barrado pelo promotor do evento, em razão de sua aparência.

⁶ Posteriormente Hermeto fez uma correção, indicando que a canção era só de sua autoria (Santos, 2015, p. 89). Vandré logo percebeu o potencial do Quarteto Novo, sendo um grande incentivador da produção do primeiro disco do grupo.

utilizado na música cubana, mas no Brasil era novidade. Em depoimento a respeito, Theo de Barros se recorda que essa experiência de Airto provocou perplexidade mesmo nos músicos do Quarteto Novo, mais afinados com a temática jazzística (Nuzzi, 2015, p. 84).

Ainda no precioso ano de 1966, teremos a presença de Vandré com a canção *Disparada*, com a letra criada em julho do mesmo ano. A canção foi musicada por Theo de Barros, com letra de Geraldo Vandré. Foi um sucesso enorme, que colocou Vandré no circuito do sucesso. Foi um momento público de introdução da viola, para escândalo de alguns. A interpretação de Jair Rodrigues no II Festival da Record, em 1966, foi grandiosa. Foi uma ideia de Hilton Acioli, outro parceiro de Vandré. Jair Rodrigues foi perfeito, apesar dos receios de Vandré, que temia com a possibilidade Jair Rodrigues recorrer às suas tradicionais brincadeiras em cena.

A canção ficou empatada em primeiro lugar com *A Banda*, de Chico Buarque. A princípio, como lembra Chico Buarque em depoimento, a escolha do júri recaía sobre *A Banda*, com alguns votos de diferença. Segundo o depoimento, Chico interveio junto a Paulinho Machado de Carvalho, que estava no júri, e o resultado foi o empate. Chico Buarque manifestou o seu profundo apreço pela canção *Disparada*, e foi o primeiro a reconhecer o mérito de um empate (Terra; Calil, 2013, p. 92-93; Castro, 1990, p. 402-403; Cavalcante, 2008, p. 172-173). Com o acirramento das condições políticas no Brasil, essa canção foi proibida para execução pública no território nacional.

5. O LP Canto Geral - 1968

O ano de 1968 vem marcado pelo lançamento de dois LPs bem distintos. De um lado, o disco coletivo *Tropicália ou Panis et Circencis*, com músicas de Gil, Caetano, Torquato Neto, Capinan e Tom Zé. O Tropicalismo, segundo Pedro Duarte, buscava as alegorias barrocas com “seus contrastes: samba e rock, rural e urbano, belo e feio, nacional e cosmopolita, dentro e fora, velho e novo, alegria e tristeza, mito e razão, arte e mercado, lírico e épico” (Duarte, 2018, p. 16). De outro, o LP de Vandré, *Canto Geral*. São dois discos em tensão, não há dúvida. Havia também dificuldades de Vandré com a *Tropicália*, e vice-versa.

A desavença envolveu também o grande maestro Rogério Duprat. Em entrevista de Vandré, concedida em julho de 2000 ao sítio *CliqueMusic*, ele sublinhou que o maestro “deve ter ficado surdo de tanto ouvir a barulheira dos tropicalistas”. A tensão perdurou por décadas (Nuzzi, 2015, p. 121).

Em seu livro, *Verdade Tropical*, Caetano Veloso reconhece a presença dessa tensão, e da rejeição à *Tropicália* pela esquerda nacionalista. Sinaliza que Vandré foi sincero, e apenas expressou “o que muitos sentiam” com respeito à *Tropicália* (Veloso, 2017, p. 290). Não deixa, porém, de se contrapor ao gênio difícil de Vandré, sublinhando o lado “tristemente mesquinho de sua personalidade” (Veloso, 2017, p. 290). Durante o exílio, Vandré buscou uma reconciliação com Caetano, visitando o compositor em seu apartamento em Londres (Nuzzi, 2015, p. 149).

O LP *Canto Geral* vinha com 10 músicas, sendo 5 em parceria. Vandré não vinha mais acompanhado pelo Quarteto Novo, mas mantinha sua criatividade musical, com a incursão de novos instrumentos nos arranjos, como a viola caipira (Edgar), o oboé e o corne inglês (Cleon), bem como no vocal o Trio Marayá. Na contracapa do LP, Vandré dizia que nesse disco vinha com ele “uma vontade muito grande” de colocar-se “sem pudores como instrumento da comunicação”, de tudo o que aprendeu “a ver, ouvir, pensar e sentir” a respeito de seu tempo (Santos, 2015, p. 115).

Na bela canção *De serra, De terra e de Mar*, presente no LP, estava a parceria de Vandré com Hermeto Paschoal e Theo de Barros. Numa letra de grande singeleza, cantava Vandré, entre outros versos:

Eu sempre quis ser contente
Eu sempre quis só cantar
Trazendo pra toda gente
Vontade de se abraçar.

Eu tinha no sol mais quente
A terra pra me alegrar
E a serra florando em frente
Lavava os seus pés no mar (...)

Esta canção de Vandré passou despercebida no II Festival Internacional da Canção, promovido pela TV Globo, em 1967. A canção vencedora foi *Apareceu a Margarida*, de autoria de Gutemberg Guarabira. Foi nesse mesmo Festival que Milton concorreu com *Travessia*, sua parceria com Fernando Brant, ficando em segundo lugar; e Chico Buarque, em terceiro lugar, com a canção *Carolina*.

Outras quatro músicas do LP são parcerias com Hilton Acioli. Destaco a canção *Ventania*, que tinha concorrido em 1967 no III Festival da Música Popular Brasileira da Record. A canção chegou à final, mas foi derrotada por *Ponteio*, de Edu Lobo, que contou com a participação do Quarteto Novo na sua execução. A meu ver, *Ventania* é de uma beleza impressionante, com uma riqueza de andamento dificilmente encontrada, além da beleza da letra, que parece, em verdade, mais uma grande saga.

Ainda em *Canto Geral*, temos a presença de uma linda canção de Vandré: *Aroeira*; e outra, também em parceria com Hilton Acioli, *O Plantador*. Esse foi o último LP gravado por Vandré no Brasil, antes do exílio. Tárik de Souza revela que neste LP de Vandré a criatividade foi dominante, tendo o compositor trazido à baila “frevos (*João e Maria*, *Porta Estandarte*), moda de viola (*Ventania*), baiões, aboios e, principalmente toadas e canções” (Souza, 1983, p. 95). Também a presença de *Cantiga Brava*, que “traz versos de domínio público recolhidos por Guimarães Rosa e musicados pelo mineiro de Alto Belo, Téo Azevedo” (Nuzzi, 2015, p. 107). A canção vai ser incorporada na trilha sonora do filme *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*.

O percurso musical de Vandré, a partir desse LP, culminou no belo ritual litúrgico *Paixão segundo Cristino*, encenada na Igreja dos Dominicanos, em Perdizes, no dia 12 de abril de 1968, com o texto escrito por Vandré e executado por ele. Estava vestido com camisa branca, calça azul e sandália franciscana. Presente na celebração estava

Nelson Motta. As reações à celebração vieram rápido, nas penas de Agnelo Rossi e Gustavo Corção, para quem tudo aquilo não passava de uma “imbecilidade paralitúrgica” (Nuzzi, 2015, p. 130).

Ainda em 1968, Vandré fez história com sua presença ousada no III Festival Internacional da Canção, produzido pela TV Globo. Depois do insucesso de *Ventania*, Vandré optou pela simplicidade mais pura, pelo minimalismo. Sem buscar outros recursos disponíveis, ele entra no palco munido apenas de sua voz e violão. Nelson Motta destaca a coragem de Vandré, cantando só com seu violão, em dois acordes, de modo a acentuar e valorizar a letra tão simples, contundente, provocativa e bonita da canção que ficou conhecida como *Caminhando (Pra Não Dizer que Não Falei das Flores)* (Motta, 2000, p. 176). Estava ali Vandré cantando no “mais rico e mais polêmico de toda a série de festivais realizada no país” (Santos, 2015, p. 117).

O resultado do Festival foi muito controvertido, sendo os vencedores Chico Buarque de Hollanda e Tom Jobim, com a canção *Sabiá*. A reação do público foi imediata, envolvendo com vaias pesadas todo o ambiente do Festival. Foi uma decisão muito difícil para o júri, que contava entre os seus membros Ziraldo e Billy Blanco. Os dois deram 10 para a canção de Vandré, mas Billy reconheceu que a música de Jobim era simplesmente perfeita (Nuzzi, 2015, p. 171). O interessante nisso tudo é que Vandré, diante do ocorrido, colocou-se em defesa de Chico Buarque e Tom Jobim, dizendo na ocasião:

Gente, sabe o que eu acho? ... Antonio Carlos Jobim e Chico Buarque de Hollanda merecem o nosso respeito... A nossa função é fazer canções. A função de julgar, nesse instante, é do júri que ali está. Olha, tem mais uma coisa só. A vida não se resume a festivais (Santos, 2015, p. 22).

Os críticos musicais entendem que a canção de Vandré tinha uma íntima relação com a passeata dos 100.000, pois foi composta cinco dias depois desse evento que marcou a história do país, em 26 de junho de 1968. Do alto de um edifício, na Cinelândia, Vandré pôde observar a passeata e dali nasceu a inspiração decisiva para a canção. Ela veio a se tornar em seguida o hino da esquerda brasileira, até os dias de hoje. Diversos críticos e personagens posicionaram-se favoravelmente à canção, entre os quais Millor Fernandes, Fernando Sabino e Rubem Braga. Sua gravação foi proibida pela censura, e a música só recebeu nova gravação com Simone, em 1979 (Motta, 2016, p. 96)

Antes de partir para o exílio, quando teve o apoio de vários personagens, entre os quais a viúva de Guimarães Rosa, Dona Aracy Rosa, Vandré ainda compôs uma canção derradeira, que foi gravada posteriormente por Geraldo Azevedo. Seu nome é *Canção de Despedida*, e foi composta na casa de uma ex-namorada de Vandré, a modelo Mariza Urban. Trata-se de uma canção maravilhosa, cheia de simbolismos políticos:

Já vou embora
Mas sei que vou voltar

Amor, não chora
Se eu volto, é pra ficar

Amor, não chora
Que a hora é de deixar
O amor de agora
Pra sempre ele ficar

Eu quis ficar aqui
Mas não podia
O meu caminho a ti
Não conduzia

Um Rei mal coroado
Não queria o amor em seu reinado
Pois sabia, não ia ser amado

Amor, não chora
Eu volto um dia
O Rei velho e cansado já morria
Perdido em seu reinado, sem Maria
Quando eu me despedia
E no meu canto lhe dizia

Já vou embora
Mas sei que vou voltar
Amor, amor, não chora
Se eu volto, é pra ficar

Amor, não chora
Que a hora é de deixar
O amor de agora
Pra sempre, sempre ele ficar (...)

Vandré ainda permaneceu no país, como clandestino, até 16 de fevereiro de 1969, quando conseguiu deixar o Brasil pela fronteira do Uruguai, depois estabelecendo-se por um tempo no Chile. Em todo esse período da clandestinidade, Vandré foi tomado por medo intenso de ser preso. Suas últimas apresentações foram feitas no final de 1968 com o *Quarteto Livre*, composto com as presenças de Nelson Angelo (violão), Franklin da Flauta, Naná Vasconcellos e Geraldo Azevedo. Em suas duas últimas apresentações já estava envolvido por medo incontrolável da repressão (Santos, 2015, p. 134-136).

6. O LP Das Terras de Benvirá – 1973

Já no exílio, em sua estadia no Chile, Geraldo Vandré grava o LP *Das Terras de Benvirá*. Foi um tempo extremamente duro para Vandré, tendo ele passado por muitas dificuldades de sobrevivência. Foi tomado pela depressão, numa situação psicológica

muito difícil, tendo que recorrer a medicamentos e tratamentos pesados para lidar com a dor do exílio. Algo que também se esgarçava com a presença das drogas.

Tudo isso somado com o aperto financeiro. Passou por vários países, desde o Chile, Alemanha, Áustria, Bulgária, Grécia e Iugoslávia. Muitas vezes, cantava e tocava em troca de hospedagem e comida (Santos, 2015, p. 154). No campo amoroso, também passou por experiências diversificadas, sem encontrar o pouso afetivo que necessitava.

As gravações do LP foram realizadas na França, e Vandré veio acompanhado por outros três músicos: Murilo Alencar, Marcelo Melo⁷ e Francisco Xosé Peña Villar. Como relata Marcelo, as gravações foram realizadas em clima de muito improvisado. Vandré marca sua presença, expressando sua dor, com incursões pontuadas por choro e lamento. Não havia muita preocupação técnica nas gravações, privilegiando-se o clima do momento e a emoção dos personagens (Nuzzi, 2015, p. 246).

O resultado, porém, foi precioso. Considero abençoados os que conseguiram adquirir o LP produzido depois no Brasil, em 1973, pela Phonogram. É de uma beleza única. Destaco o lirismo de algumas canções, em particular: *Na Terra Como no Céu*, *Das Terras de Benvirá*, *Canção Primeira* e *Maria Memória de Minha Canção*, todas de Vandré. Na França o disco saiu como um compacto: *La Passion Brésilienne*.

A primeira canção do disco, *Na Terra como no Céu*, faz parte da *Paixão segundo Cristino*, que também foi encenada na França, em 22 de março de 1970, na Igreja de Saint-Germains-des-Prés, em Paris. Destaco ainda a beleza lírica da *Canção Primeira*, que fala de forma sensível e preciosa sobre o desejo do retorno à pátria amada, identificada como a grande amiga:

Compreende amiga
que eu não marque ainda
quando te encontrar

Que eu faça cumprida,
tanto quanto a vida
que foi só cantar

Dessa história antiga,
às vezes cantiga
pra eu poder contar

De ti companheira,
tu de corpo inteira
como eu pude amar

E perdoa amiga,
que eu não vá correndo
hoje te abraçar

Nem cortar caminho,

⁷ Marcelo Melo irá criar o Quinteto Violado no início de 1970.

nessa caminhada
que é pra te encontrar

Que eu guarde a esperança,
que vem vindo o dia
de poder voltar

Sem ter na chegada,
que morrer amada,
ou de amor matar

No exílio contou com o apoio de amigos queridos como Thiago de Mello e seu filho Manduka, no período em que esteve no Chile. Dentre os amores do exílio, elenco sua namorada chilena e depois esposa, Bélgica; e também sua namorada Ana Clara, socióloga brasileira, que viveu com ele até seu retorno ao Brasil, em 17 de julho de 1973. Ana Clara chegou a organizar junto com Matias Pizarro, músico chileno, um livro com os poemas de Vandré: *Cantos intermediários de Benvirá* (Santos, 2015, p. 163).

Ainda no exílio, outra bela composição de Vandré, *Pátria amada, idolatrada, salve salve*. A canção era parceria de Vandré com Manduka, filho de Thiago de Mello. Trata-se de composição de grande lirismo, falando de seu amor ao Brasil:

Se é pra dizer adeus
Pra não te ver jamais
Eu, que dos filhos teus
Fui te querer demais
No verso que hoje chora
Pra te fazer capaz
Da dor que me devora
Quero dizer-te mais
Que além de adeus agora
Eu te prometo em paz
Levar comigo afora
O amor demais

Amado meu
Sempre será
Quem me guardou
No seu cantar
Quem me levou
Além do céu
Além dos seus
E além do mais
Amado meu,
Que além de mim se dá
Não se perdeu
E nem se perderá

A canção conseguiu o Grande Prêmio do Festival da Canção Popular Latino-Americana, junto com outra canção chilena. Como intérpretes da canção de Vandré. O

Festival foi realizado no Peru e interpretada pela cantora venezuelana Soledad Bravo e Alexandre Manuel Thiago, o Manduka.

7. O retorno ao Brasil

Em seu retorno ao Brasil, Vandré expressava grande tristeza, já estampada em seu rosto no voo de retorno ao seu país. O envelhecimento do cantor e compositor estava igualmente estampado no corpo enfraquecido. O Brasil que recebe Vandré não é o mesmo de quando saiu, em 1969. Vivia então um momento distinto, de grande euforia e ufanismo.

As forças da repressão sentiam-se vitoriosas com a derrocada da guerrilha no Araguaia, cujos últimos vestígios foram eliminados em 1974. Foi quando então se deu a triste e famosa retratação de Vandré, por exigência dos militares, em horário nobre do Jornal Nacional, naquela fatídica noite de 18 de agosto de 1973. Ele talvez esperasse uma outra recepção dos artistas brasileiros. Não foi o que ocorreu. Depois de seu depoimento do Jornal Nacional, alguns artistas o evitavam, como por exemplo João Bosco, Elis Regina e César Camargo Mariano, como descrito no livro de Jorge Fernando dos Santos (Santos, 2015, p. 181).

Vandré continua vivo, mas recolhido. Quase não temos notícia de seu paradeiro. Foram poucas e raras suas incursões públicas depois de seu retorno. Inúmeras controvérsias existem sobre o seu comportamento, paradeiro ou posicionamento artístico e político. Imagino que a verdade sobre o período que cobre o seu retorno ao Brasil possa um dia ser esclarecida com isenção de ânimos. O mais importante é que sua música permanece entre nós, ainda para ser descoberta em todo o seu valor e importância.

Referências

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**. A história e as histórias da Bossa Nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, Cássio. **Nara Leão, a musa dos trópicos**. Recife: CEPE, 2008.

DREYFUS, Dominique. **O violão vadio de Baden Powell**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

DUARTE, Pedro. **Tropicália ou Panis et Circences**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

MOTTA, Nelson. **101 canções que tocaram o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NASCIMENTO, Hermilson Garcia do. **As cordas livres de Heraldo do Monte**. São Paulo: Çarê / Contraponto, 2020 (prefácio de Budi Garcia).

NUZZI, Vitor. **Geraldo Vandré, uma canção interrompida**. São Paulo: Kuarup, 2015.

SANTOS, José Fernando dos. **Vandré, o homem que disse não**. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

SOUZA, Tárík. **O som nosso de cada dia**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

TERRA, Renato; CALIL, Ricardo. **Uma noite em 67**. São Paulo: Planeta, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Submetido em 10/02/2023

Aceito em 02/05/2023